

RUPTURA, DESEMPREGO E SOLIDÃO: RELATOS DE ACOLHIDOS NOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

*Maria Helena Rocha Antuniassi**

*François Bonvin***

*Cecília Carmen Pontes Rodrigues****

*Oscarlina Maltese Rezende*****

Resumo: Aprofundar o conhecimento sobre a população em situação de rua, no que se refere à trajetória de albergados atendidos nos serviços de acolhimento da SMADS - Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, tendo em vista conhecer as causas da ruptura familiar e comunitária de indivíduos que devido a sua situação de vulnerabilidade socioeconômica estão potencialmente em circunstâncias de ruptura e exclusão.

Foram utilizados dados quantitativos e qualitativos levantados por meio de questionários com questões abertas e fechadas e depoimentos orais recolhidos junto aos técnicos das coordenadorias da SMADS, coordenadores dos serviços de acolhimento e população, tendo em vista uma amostra representativa de 382 questionários, considerando a totalidade das subprefeituras do município de São Paulo.

Palavras-chave: População de rua. São Paulo. SMADS

Family breakdown, unemployment and solitude: life stories of the homeless population assisted by the care services of Municipal Social Welfare and Development of São Paulo

Abstract: This study aim is to deepen the knowledge about the street population on what concerns the life histories of the people housed under the assisted-care services of SMADS- Municipal Social Welfare and Development, in order to ascertain the cause of family and community breakdown of individual that due to their socio-economic vulnerability are potentially exposed to rupture and exclusion situations. Qualitative and quantitative data was collected through surveys with open and closed questions as well as oral testimonies gathered from the technical coordinator and a surveys of population in order to obtain a representative sample concerning the entire local city halls office in the city of São Paulo.

Keywords: Homeless population. São Paulo. SMADS

* Profa. Dra. Pesquisadora e coordenadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos-NAP/CERU

** Prof .Dr. École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris

*** Profa.Dra. pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – NAP/CERU

**** Bacharel em Ciências Sociais- pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos- NAP/CERU

INTRODUÇÃO

A equipe de pesquisadores do CERU, autores deste trabalho contratado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social do Município de São Paulo – SMADS, procurou colaborar com um conjunto recente de estudos sócio-antropológicos que busca adotar um olhar mais reflexivo e crítico sobre o fenômeno da pobreza, por meio da noção de desqualificação social e da definição da categoria de pobres com base na categoria social de assistidos, que tem como inspiração a obra pioneira de Georg Simmel¹ e os recentes estudos de Serge Paugam.²

1 OBJETIVOS

O presente trabalho procura aprofundar o conhecimento sobre a população em situação de rua da cidade de São Paulo – SP no que se refere à trajetória de vida dos albergados atendidos nos serviços de acolhimento da SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo, assim como as causas da ruptura familiar e comunitária desses indivíduos que devido a sua situação de vulnerabilidade socioeconômica, embora com uma atividade geradora de renda, estão potencialmente em circunstâncias de ruptura e exclusão.

Como objetivos específicos procurou-se fornecer uma análise do conjunto de dados qualitativos e quantitativos disponíveis sobre os indivíduos atendidos nos serviços de acolhimento a essa população, gerar e fornecer uma análise de dados qualitativos obtidos por meio dos depoimentos dos funcionários e usuários dos serviços de acolhimento e criar tipologia que corresponda aos tipos de indivíduos que utilizam esses serviços.

2 ANÁLISE DA LITERATURA

A análise da bibliografia referente ao tema “população de rua e albergues” teve por objetivo conhecer como a literatura brasileira e internacional tratam o tema, tendo em vista a definição do fenômeno, sua representação e as políticas públicas direcionadas a essa população. Nessa oportunidade são comentadas algumas obras consideradas de maior importância na bibliografia, sobretudo, produzida no Brasil, considerando seu caráter pioneiro ou em razão da sua forma de problematizar a questão da assistência social.

¹ “Sociologie” – 1ère éd. française – P.U.F. Quadrige, 1998.

² PAUGAM, Serge. *La disqualification sociale*. 4 ed., Paris :Presse Universitaire de France, 2009 , 256 p.

A bibliografia consultada foi analisada segundo três eixos:

- A assistência social como política pública;
- A população de rua como questão social;
- Os albergues como proteção social.

2.1 ASSISTÊNCIA SOCIAL COMO POLÍTICA PÚBLICA.

Os estudos sobre a assistência social como política pública, em geral, falam sobre o posicionamento ideológico das ações de assistência social de órgãos públicos, assim como sobre a sua atuação em parceria com grupos privados. Mostram a posição assistencialista ou filantrópica que move as organizações não governamentais de matiz religiosa ou não que agem em parceria com as instituições públicas e, em geral, são orientadas pelo princípio da caridade cristã. Com base no trabalho pioneiro da SEBES (2004,3 ed.) nota-se que tais estudos passam a discutir a visão da Assistência Social como política pública e, não mais como uma forma de fornecimento de bens e serviços à população deles excluída, tendo em vista o reconhecimento dos direitos sociais dessa população na perspectiva do exercício efetivo da cidadania. São estudos gerados no seio de organizações não governamentais, na academia, assim como nas instituições governamentais voltadas para a problemática da Assistência Social.

O estudo pioneiro da SEBES mostra que a população de rua é um segmento social em situação limite da pobreza. Trata-se de “um segmento social que, sem trabalho e sem moradia, utiliza a rua como espaço de sobrevivência e moradia”. Distingue três situações com relação à permanência na rua:

- *Estar na rua* – recentemente
- *Ficar na rua* – circunstancialmente
- *Ser da rua* – permanentemente.

2.2 POPULAÇÃO DE RUA COMO QUESTÃO SOCIAL

Um importante estudo que aborda a população de rua como questão social é o trabalho de De Lucca (2007) cujo objetivo é compreender as relações sociais que definem a população de rua como questão social. Para tanto, faz a reconstrução da trajetória de agentes sociais que ele entende como “mediadores”, isto é, pessoas pioneiras no atendimento à população em questão, como o grupo religioso que compunha a organização OAF (Organização do Auxílio Fraternal). O interessante desse estudo é que o autor faz

uma reflexão sobre o deslocamento do tema **população de rua** na representação popular, mostrando como “O tema da dor, agonia e do sofrimento, tão caro ao cristianismo e, de maneira geral, à própria história do Ocidente, foi sendo deslocado para a conhecida e mais mensurável noção de risco” (p. 229).

2.3 OS ALBERGUES COMO PROTEÇÃO SOCIAL

Dois estudos podem ser considerados exemplos da literatura do albergue como proteção social, um realizado no Rio de Janeiro (DIAS, 1999) e outro em São Paulo, o primeiro compara albergues de natureza pública e filantrópica no Grande Rio, mostra que as filantrópicas, em geral de ordens religiosas, são motivadas pela caridade. As públicas, que nas décadas de 1960 e 1970 tinham como objetivo o albergamento, na década de 1990 passam a propor, além do albergamento, a ressocialização e reintegração. A autora propõe, inclusive, uma escala para avaliação dos albergues considerando características gerais, instalações físicas e relação com órgãos e instituições afins e equipe de profissionais.

O estudo “Centros de Referência – espaços de moradia transitória e reinserção para a população de rua da cidade de São Paulo” (QUINTÃO, 2000), realizado em São Paulo, delineou um projeto de Centro de Referência para ser implantado em São Paulo com a proposta de criar condições para que a situação “morar na rua” seja transitória para o indivíduo, mas um projeto permanente, uma vez que a população é rotativa e se refaz. Os “Centros de Referência” seriam a referência e apoio no momento dessa passagem. Teriam de prover, não só o espaço, mas ajuda jurídica, social, psicológica, e saúde e toma como referência projetos desenvolvidos em outros países³

3 METODOLOGIA

3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na construção da metodologia da pesquisa, a equipe de pesquisadores toma como base o pressuposto de que nas ciências sociais, notadamente na Sociologia, a construção do objeto de pesquisa deve passar pelas operações de desconstrução e reconstrução, isto é, desconstrução do objeto tal

³ K. Wodiczko with D. Lurie, *Homeless Vehicule Project* (1988-89); K. Wodiczko, *Poliscar* (1991); Marc Boudal e Rémi Grevand, *Estação Metro Saint-Martin*, Paris (2000); escritório Wolch / Dear, *Skidrow*, Los Angeles (1991); Ted Hayes, *Projeto Genesis I – Justiceville* (domus montados).

qual ele se apresenta no sistema de representações comuns e sua reconstrução com base na teoria sociológica, que vai permitir ao pesquisador formular suas hipóteses, estabelecer variáveis e indicadores tendo em vista o conhecimento que pretende obter (Antuniassi, 2001).

No presente estudo optou-se pela utilização dos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu (1972), que incluem uma série de conceitos que se implicam mutuamente, dado seu caráter sistêmico.

Os conceitos centrais da concepção teórica de Bourdieu *Habitus*, Campos e Capital (econômico e simbólico, cultural e social).

O *Habitus* consiste em um sistema de disposições adquiridas, duráveis e transponíveis que funcionam como princípios geradores e organizadores de **práticas e representações**. Por meio do *Habitus* a estrutura social da qual ele é o produto, governa a prática, não de forma mecânica e determinista, mas por meio de constrangimentos e limites impostos pelas condições sociais de existência.

O Campo é compreendido como o espaço social em que os agentes se situam, no qual lutam pela distribuição de um capital específico acumulado em lutas anteriores. A existência de um campo pressupõe a luta pela dominação que faz com que o campo se reestruture.

Com relação ao Capital, Bourdieu afirma explicitamente estar mais interessado em estudar a distribuição dos bens simbólicos, capital cultural e social que dos econômicos.

Os conceitos de *Habitus* e Campo guardam uma dimensão histórica que obriga o pesquisador a pensar a estrutura social, não como uma realidade abstrata que transcende a realidade histórica, mas, ao contrário, como a materialização de um estado das relações de forças e de lutas entre indivíduos, grupos e instituições.

Dois noções complementares, Estratégia e Trajetória, foram de grande valia para a análise dos dados. As Estratégias são produzidas pelos "*Habitus*". Embora não resultem de uma aspiração necessariamente consciente de fins explicitamente colocados, com base em conhecimento adequado das condições objetivas de vida, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se adequadas à situação vivenciada. A **posição social** de um agente em uma dada estrutura e em um determinado momento histórico pressupõe uma trajetória social que definira a posição como uma etapa de um processo de ascensão ou descenso. A Trajetória Social expressa a dimensão diacrônica relativa ao posicionamento dos agentes sociais na estrutura social, possibilitando a ligação da história individual ou grupal à história mais ampla.

3.2 MÉTODOS E TÉCNICAS

Tendo em vista os objetivos propostos, optou-se por privilegiar a utilização de uma Metodologia Qualitativa – os relatos de vida complementados pela aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas e Dados Quantitativos já disponíveis na literatura específica e estatísticas oficiais.

Desse modo, com base em uma listagem dos serviços de acolhimento fornecida pela SMADS optou-se pelos seguintes procedimentos:

1. Iniciar a pesquisa tomando o depoimento das coordenadoras dos CRAS e dos dirigentes dos serviços de acolhimento, tendo em vista conhecer a estrutura administrativa da SMADS no que se refere aos Centros de Acolhida e visualizar as condições objetivas de vida dos usuários nos respectivos Centros, por meio de entrevistas com os coordenadores e funcionários dos serviços, complementadas por dados recolhidos por meio de observação in loco, quando possível documentada por meio de fotos.
2. Análise do perfil dos acolhidos por meio de dados coletados a com base na aplicação de 382 questionários com quarenta e sete perguntas abertas e fechadas junto a uma amostra representativa da população.
3. Levantamento e discussão de vinte trajetórias (relatos de vida) da população, tendo em vista qualificar e aprofundar o conhecimento adquirido nas etapas anteriores da pesquisa.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DAS COORDENADORAS DO CRAS

Conforme os objetivos propostos, foram realizadas visitas às Coordenadorias e entrevistados funcionários com vários anos de experiência no serviço de assistência social, como as Coordenadoras das CAS's e CRA's assim como jovens recém formados e, portanto, recém contratados. Conclui-se que todos passaram uma visão positiva e grande engajamento na sua atuação profissional.

Embora a coordenação da CA's seja cargo de nomeação, as coordenadoras são profissionais com grande experiência na profissão e vários anos de serviços prestados à Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social, tendo, portanto, um bom conhecimento das características da dinâmica e organização da Assistência Social no município em diversos períodos de sua história, o que foi de grande utilidade para a equipe da pesquisa SMADS/CERU montar a amostra dos serviços, o que constituiu para a base da seleção dos usuários dos quais foram obtidos os relatos de vida.

Por meio dos depoimentos, a equipe de pesquisa tomou conhecimento de algumas informações que não apareceram na revisão da bibliografia específica nacional, como, por exemplo, a existência de uma parte de moradores de rua que “resiste às abordagens e propostas dos agentes sociais”,

preferindo permanecer nas ruas a habitar os Centros de Acolhida. A hipótese dos entrevistados(as) é que se trata de uma população que já se habituou a viver nas ruas, onde vivem em “mocós” e não suportam “minimamente” as regras de convivência impostas nos Centros de Acolhida, isto é, já teriam perdido o *Habitus* da disciplina que o cotidiano impõe aos agentes sociais na vida coletiva.

Uma outra informação importante refere-se à atitude dúbia da população em geral, (municípios) que reclamam da presença dos moradores de rua, mas simultaneamente, concorrem para essa presença ao alimentar e fazer doações como cobertores, por exemplo, o que concorre para a aludida resistência dos mesmos.

Algumas instituições filantrópicas também tomam essa atitude e resistem ao convite das instituições municipais e organizações parceiras para unir forças no sentido de encaminhar a população de rua aos serviços conveniados, ao oferecer sopas, por exemplo, acabam contribuindo para a “resistência” dos moradores de rua às abordagens dos(as) assistentes sociais, seja da SMADS ou das organizações conveniadas.

Algumas das coordenadoras lembraram que a TENDA, serviço recentemente instalado para “facilitar” durante o dia o convívio social dos moradores de rua e proporcionar alguns serviços como higienização, está sendo muito bem aceito, tanto pela população de rua quanto pela população residente no entorno. O papel desse tipo de instituição na problemática da “população de rua” ainda está por ser avaliado.

4.2 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS ORAIS DOS COORDENADORES DOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO AMOSTRADOS.

Algumas organizações aceitaram prontamente a proposta da visita e entrevista, enquanto, para outras, foi preciso recorrer à ajuda do pessoal da SMADS, mas, de uma maneira geral, os entrevistadores foram bem recebidos e tudo indica que obtiveram as informações solicitadas. Entretanto, ficou claro que em alguns serviços os coordenadores e funcionários têm mais disposição para tornar pública a dinâmica e organização de seus serviços.

O roteiro da entrevista previa que os entrevistados falassem o mais livremente possível, e assim aconteceu. Contaram livremente as histórias de suas organizações e da parceria com a SMADS.

Falaram dos seus problemas e angústias diante das suas tarefas, concebidas como “missão” por muitos coordenadores, sobretudo aqueles ligados aos serviços “*porta de entrada no sistema*”.

Um dos problemas mais relevantes é o fato de que as vagas nem sempre são suficientes diante da crescente demanda, obrigando muitas vezes os coordenadores a improvisarem soluções.

O grande dilema citado pela maioria dos serviços que são *porta de entrada* no sistema de Assistência Social é o grande número de doentes mentais, sobretudo de mulheres. Segundo observações de alguns entrevistados, embora a quantidade de mulheres entre moradores de rua seja bem menor que o de homens, comparativamente, a porcentagem de doentes mentais entre elas é maior. Os serviços, muitas vezes, não tem como atender à demanda da SMADS por vagas para essa parcela da população que deveria ser encaminhada para instituições específicas para cuidados médicos.

Quando a equipe de pesquisadores escolheu os serviços a serem entrevistados pensou-se em obter uma lista de serviços com estruturas diferentes entre si, os resultados das entrevistas mostram que o objetivo foi atingido, pois as organizações e serviços entrevistados apresentam, de fato, características diversas e simultaneamente traços comuns entre aqueles da mesma categoria. Exatamente como o esperado, apareceram **diferenças** e **similitudes** facilmente constatadas pelo tamanho e configuração espacial do local e pela diversidade da oferta de serviços, assim como pela posição das instituições na sequência das etapas de reinserção com base nos serviços “porta de entrada” até o hotel social, como “porta de saída”, momento de retorno a uma vida autônoma na sociedade, como considerada pelas instituições pesquisadas.

As diferenças aparecem, sobretudo, nas histórias das instituições, na variedade de seus engajamentos no trabalho social de reinserção, inclusive na história pessoal de seus responsáveis, formação, maneira de entrar no trabalho social, trajetória profissional de assistentes sociais, psicólogos, sociólogos e outras e, também, experiência institucional acumulada.

As similitudes foram constatadas no fato de que essas instituições:

- Apesar de agirem em etapas diversas da reinserção social, os Serviços não são lugares radicalmente diferentes, pois fazem parte de um mesmo sistema com os parâmetros da Prefeitura que dirige as diversas instituições em parceria com os Serviços de Acolhimento tendo por finalidade colocar à disposição da população de moradores de rua, instituições de cunho republicano e democrático apesar de suas diferentes motivações, isto é, religiosas ou laicas.
- As características da população acolhida, tendo em vista as etapas do processo de reinserção “porta de entrada” onde se encontra uma grande parte de pessoas cujas histórias são marcadas pelos efeitos devastadores do álcool, da droga e de perturbações mentais, e “porta de saída” para aqueles que no processo de reinserção, segundo as assistentes sociais e psicólogas, estão prestes a ganhar a autonomia, ou chegaram no sistema com relativa capacidade de superação das circunstâncias que o levaram a procurar abrigo.
- A constatação, praticamente unânime, entre os agentes do processo de reinserção de que essa população tem realmente necessidade de uma ajuda particular, segundo suas circunstâncias de vida, de auxílio para aceder às instituições governamentais ou não, que podem lhe prestar auxílio adaptado as suas necessidades.
- A ideia de que a chave da reinserção na vida social mais autônoma reside na capacidade dos indivíduos de refazer um projeto de vida e que as instituições não as podem produzir por si

mesmas, mas somente acompanhar, ajudar financeira e psicologicamente, sobretudo, indicando os lugares onde existem os recursos necessários a disposição.

- A constatação de que algumas dessas pessoas, no âmbito dessa população, precisam de mais tempo que outras e que é necessário deixar fluir esse tempo, tendo em vista as diferenças individuais e de circunstâncias sociais vivenciadas.

Entre todos os depoimentos o que ressalta à observação do pesquisador é a maneira como os entrevistados revelam em suas falas, simultaneamente, traços comuns e diferenças de modos de agir que deixam transparecer o que se denomina em Sociologia um “*habitus*” profissional, em hipótese, associado as suas formações particulares, psicólogas(os), assistentes sociais, advogadas(os) e, sobretudo, militantes.

Constatou-se também que às instituições e às autoridades que orientam esses Serviços cabe definir suas tarefas e editar um conjunto de regras que encontram justificção e inspiração em certa concepção dos direitos dos cidadãos e da cidadania e aos responsáveis diretos (coordenadores e funcionários) pelos mesmos, resta a tarefa de cumpri-los, de colocá-los em marcha.

De fato, os responsáveis pelos Centros de Acolhida aplicam as diretivas, mas eles têm, de alguma maneira, reinventar o espírito e a reinsuflar uma inspiração profunda em cada detalhe da organização e do funcionamento do “seu” Centro, de forma que eles mesmos e seus funcionários encontrem nas condições sociais e econômicas em que agem a melhor maneira de cumprir sua missão.

5 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE USUÁRIOS ATENDIDA NOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO

Amostra- Tendo em vista uma população total de 5.993 indivíduos,⁴ foi construída uma amostra representativa levando em conta o tipo e a localização dos serviços de acolhimento por Subprefeitura, conforme tabela abaixo

.

⁴ A literatura indica, no caso de população em torno de **6.000 pessoas**, uma amostra suficiente de **378** questionários. Na pesquisa em questão foram entrevistadas 397 pessoas e tabulados 382 questionários, ou seja, quatro a mais do que na amostra indicada por Richardson, prevendo a necessidade possível de reposição. Informação disponível em RICHARDSON, Roberto Jarry. 1942. “Pesquisa Social: Métodos e Técnicas”. Atlas. São Paulo: 1985. Tabela 7.5 constante na página 124. “*Determinação de uma amostra de populações finitas, para um p = 50 e os erros de estimação indicados (nível de confiança de 95,5%, dois sigma)*”.

Quantidade de Questionários por Subprefeitura

Subprefeitura	Frequência	%
CA - Cidade Ademar	9	2,4
EM - Ermelino Matarazzo	5	1,3
IP - Ipiranga	13	3,4
JÁ - Jabaquara	12	3,1
LA - Lapa	6	1,6
MO - Mooca	188	49,2
PE - Penha	6	1,6
PI - Pinheiros	15	3,9
SA - Santo Amaro	30	7,9
SE - Sé	76	19,9
SM - São Miguel	11	2,9
ST - Santana	4	1,0
VP - Vila Prudente	7	1,8
Total	382	100,0

PERFIL DA POPULAÇÃO

Inicialmente, observa-se que a grande maioria (94,2%) da população pesquisada é cadastrada nos serviços de acolhimento onde foram entrevistados e podem permanecer vinte e quatro horas no local, isto é, não são frequentadores eventuais. Seguindo as regras do serviços, uma pessoa pode residir até seis meses numa instituição.

Tabela 1

Número percentual de acolhidos cadastrados nos albergues

Tipo de Instituição	N	%
Albergue 16h	74	19,4
Albergue 24h	285	74,6
República	12	3,1
Hotel	10	2,6
Sem Resposta	1	0,3
Total	382	100

A seguir, apresentamos o perfil dos entrevistados considerando os seguintes aspectos:

- Gênero e estado civil idade e faixa etária;
- Origem familiar e tempo de moradia em São Paulo;
- Grau de instrução;
- Profissão;
- Utilização dos serviços da acolhida;
- Vivência na rua, doenças e drogas;
- Religião

5.1. GÊNERO, ESTADO CIVIL, FAIXA ETÁRIA

Trata-se de uma população majoritariamente masculina (84,3%), celibatária (67%), cuja idade entre de trinta a cinquenta anos, e de baixa escolaridade, conforme dados das tabelas 3, 4 e 5.

Tabela 2
Gênero

Gênero	N	%
Masculino	322	84,3
Feminino	59	15,4
Sem resposta	1	0,3
Total	382	100

Tais dados estão em consonância com os dados do CENSO FIPE – 2003 sobre morador de rua, que mostra também uma população em sua maioria masculina e celibatária.

Tabela 3
Estado civil

Estado civil	N	%
Solteiro	256	67,0
Casado	17	4,5
Separado/divorciado	91	23,8
Viúvo	18	4,7
Total	382	100

Observa-se na tabela 5 que as mulheres são mais jovens que os homens, indicando uma ruptura familiar mais precoce entre a população feminina.

Tabela 4
Gênero por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	GÊNERO	
	Masculino	Feminino
Menos de 30 anos	17%	25%
30 a 39 anos	23%	36%
40 a 49 anos	26%	20%
50 a 59 anos	22%	9%
60 ou mais	12%	10%
Total	100%	100%

1 - ORIGEM

Quanto à origem nota-se que 42% da população é originária de São Paulo e Interior e 56% de outros Estados. Também foram encontrados 2% de estrangeiros. Quanto à origem não existem diferenças significativas entre homens e mulheres (tabela 6).

Tabela 5
Gênero por origem de nascimento

Origem	GÊNERO		
	Masculino	Feminino	Total
São Paulo Capital	25%	21%	24%
Grande São Paulo	3%	5%	3%
Interior	15%	19%	16%
Outros Estados	57%	49%	56%
Outros países	1%	5%	2%
Total	100%	100%	100%

Entretanto, as mulheres, em sua maioria (59%), chegaram à cidade juntamente com a família, ao contrário da população masculina, que chegou mais frequentemente sozinha (68%) (tabela 7). Esses dados podem indicar que a vinda para a cidade de São Paulo, pode ter significado um início de ruptura na vida familiar para os homens, enquanto, com relação às mulheres, permite-se levantar a hipótese de que a ruptura na biografia que levou esse contingente da população à condição de acolhido teria maior associação com problemas familiares relacionados à vivência na metrópole.

Tabela 6
Com quem veio para São Paulo

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sozinho	68%	41%	63%
Mulher/marido e filhos	2%	0	5%
Pais	14%	15%	14%
Parentes/agregados	9%	15%	10%
Amigos	7%	11%	8%
Total	100%	100%	100%

Quanto ao tempo de moradia na cidade de São Paulo, a tabela 8 indica que 53 % da população mora na cidade há menos de 10 anos, sendo que um maior contingente da população masculina 26% chegou a menos de um ano, indicando um fluxo significativo de pessoas de outras regiões para a cidade de São Paulo.

Tabela 7
Tempo de moradia na cidade de São Paulo.

Tempo de moradia	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Em São Paulo	26%	9%	22%
Menos de um ano	50%	53%	51%
De um a 5 anos	7%	19%	9%
6 anos a 10 anos	50%	53%	51%
Total	100%	100%	100%

5.3 GRAU DE INSTRUÇÃO

As tabelas 9, 10 e 11 que dizem respeito à escolarização do entrevistado e dos pais, nos informam sobre o capital cultural da população. Essas tabelas mostram algumas nuances entre os níveis de instrução dos pais. As pessoas de mais idade são as de menor instrução, esse dado certamente está associado ao fato de que houve uma relativa democratização do ensino fundamental nos últimos trinta anos, sendo que, entre as mães, nota-se um percentual maior entre os analfabetos. Mãe mais idosa menos instrução. O

Tabela 10
Grau de escolaridade da mãe

	FAIXA	ETÁRIA				
Nível de Instrução	Menos de 30anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 ou mais	Total
Analfabeta	10%	16%	34%	39%	49%	29%
Alfabetizada	8%	15%	25%	25%	16%	19%
Curso Primário	57%	44%	29%	23%	24%	35%
Curso Secundário ou Técnico	18%	14%	11%	8.7%	8%	12%
Superior Completo	6,10%	11,00%	1,30%	4,30%	2,70%	5,20%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100.0%

PROFISSÃO

A tabela 12 (O senhor tem alguma profissão?) mostra que embora a maioria da população tenha declarado uma profissão, o percentual de mulheres é menor.

Tabela 11
Tem alguma profissão

	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Sim	95%	81%	93%
Não	5%	19%	7%
Total	100%	100%	100%

Entretanto, como nos padrões sociais de comportamento da sociedade brasileira as mulheres tem profissões que lhes permitem ser exercidas no âmbito familiar como empregadas domésticas, costureiras e outras, fica mais difícil associar suas atuais circunstâncias a uma situação de desemprego, ao contrário do que acontece para a população masculina cujo percentual de “profissionais” aponta para uma ruptura associada ao desemprego. As histórias de vida masculinas mostraram que esse pode ser o primeiro passo para outros problemas como a bebida e droga por exemplo.

1 CONVIVÊNCIA NO SERVIÇO DE MORADIA

Para a população feminina, a tabela 13 (o Senhor/Senhora mora no serviço de acolhimento com seus filhos) mostra forte associação entre habitação no serviço de acolhimento e companhia dos filhos. Cerca de 30% das mulheres habita com os filhos, enquanto a população masculina mora sozinha.

Tabela 12
Mora no serviço com os filhos

	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Sim	0%	30%	5%
Não	100%	70%	95%
Total	100%	100%	100%

Os dados da tabela anterior alertam para a possibilidade de que entre as mulheres a ruptura familiar pode acontecer com mais frequência, em relação à família constituída, enquanto para os homens a ruptura familiar se daria já no seio da família de origem. Essa proposição pode ser corroborada pela observação da elevada porcentagem de celibatários entre a população masculina. A companhia dos filhos pode ser um fator de menor envolvimento com drogas e bebidas entre as mulheres.

A tabela 14 referente a participação nos cursos oferecidos aos usuários, trata de uma questão diretamente ligada a vida no Serviço de Acolhimento. Nota-se que a grande maioria da população não participa de nenhum curso. Os homens tem uma participação maior que a feminina, porém pequena, o que nos alerta para o fato de que a “oferta” de cursos pode estar sendo insuficiente ou inadequada tendo em vista, as possibilidades da população, por exemplo, o nível de escolarização e profissão anteriormente exercida.

Tabela 13
Participa de cursos indicado pelo serviço social

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sim			
	21%	3%	18%
Não			
	79%	97%	82%
Total			
	100%	100%	100%

Os dados da Tabela 15 referem-se à relação usuário/serviços de acolhimento (quanto tempo mora nesse centro de acolhida, república, hotel social) e revelam associação significativa entre idade e população. Na composição dessa população, os mais jovens, isto é, com menos de trinta anos são minoria (18%), entre trinta e quarenta anos, 24%, ficando o maior percentual com a população acima de quarenta anos, (57%) na qual significativo percentual (45%) tem entre quarenta e sessenta anos. Tudo indica que se trata de uma população especialmente fragilizada nas circunstâncias acima citadas.

Tabela 14
Tempo de moradia no centro de acolhida/ república/ hotel social

	Faixa etária					
	Menos de 30 Anos	30 Anos a 39 Anos	40 Anos a 49 Anos	50 Anos a 59 Anos	60 Anos ou Mais	Total
Até um mês						
	19%	33%	21%	17%	10%	100%
Dois a seis meses						
	21, 9%	23%	27%	21%	7%	100%
Sete meses a um ano						
	14%	22%	29,4%	24%	12%	100%
Mais de um ano						
	5%	11%	24%	26%	34%	100%
Total						
	18%	25%	25%	20%	12%	100%

Introduzindo a variável tempo de moradia no serviço de acolhimento, constata-se que são os mais jovens que estão há menos tempo, isto é, entre um e seis meses, enquanto aqueles acima de quarenta anos tendem a permanecer acima do prazo, em geral, estabelecido pelos serviços, sobretudo a população entre cinquenta e sessenta anos. O maior percentual da população que habita⁵ há mais de um ano tem acima de sessenta anos, trata-se, portanto, de uma população de idosos.

2 VIVÊNCIA NAS RUAS, DOENÇAS E USO DE DROGAS

A tabela 16 mostra o percentual de população que já dormiu na rua, (O Sr/Senhora Já dormiu na rua?) os dados mostram que no conjunto da população, 72%, já viveu a experiência de dormir na rua e somente 28% não viveu a experiência. Este dado pode significar que os serviços de acolhimento, representam a última oportunidade para essa população, não cair na completa exclusão social representada pelo viver na rua. Nestas circunstâncias a maioria tem entre trinta e cinquenta anos.

Tabela 15
Já dormiu na rua

	Menos de 30 Anos	30 Anos a 39 Anos	40 Anos a 49 Anos	50 Anos a 59 Anos	60 Anos ou Mais
Sim	87%	76%	70%	67%	51%
Não	13%	24%	30%	33%	49%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

A questão “O Senhor/Senhora teve alguma doença grave?”, tabela 17, constata-se uma significativa associação entre as variáveis idade e doença, a população de mais idade sofre ou sofreu alguma doença.

Tabela16
Ocorrência de doença grave

	Menos de 30 Anos	30 Anos a 39 anos	40 Anos a 49 anos	50 Anos a 59 anos	60 Anos ou Mais	Total
Sim	7%	24%	30%	26%	12%	100%
Não	24%	25%	23%	18%	11%	100%

⁵ A população considerada na pesquisa excluiu os centros de acolhimento para idosos.

A tabela 18 (Fez ou faz uso de droga ou bebida diariamente) mostra que a população masculina está mais ligada à droga e bebida que a feminina numa relação de 44% para 27%. Esta observação, de certa forma, sugere a hipótese que a ruptura na biografia para a população masculina mais ligada ao vício que a feminina.

Tabela 17
 Uso diário de alguma droga ou bebida

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sim	44%	27%	41%
Não	56%	73%	59%
Total	100%	100%	100%

3 RELIGIÃO

Os dados da tabela 19 referem-se a alguns padrões de comportamento da população. (o Sr/Senhora frequenta alguma igreja?). Supõe-se que a frequência à igreja pode revelar um comportamento diferenciado em relação ao uso de drogas e álcool por parte dessa população, na qual é relativamente alto o índice de usuários que utilizam 41%.

Tabela 18
 Frequenta alguma igreja

	Menos de 30 anos	30 anos a 39 anos	40 anos a 49 anos	50 anos a 59 anos	60 anos ou mais	Total
sim	53%	75%	67%	77%	60%	67%
não	47%	25%	33%	23%	40%	33%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Os dados da tabela 18 mostram que a população que frequenta a igreja tem entre trinta e ccinquenta e nove anos é a população onde o nível de desemprego e uso de bebida e droga também é maior. Pode-se levantar a

hipótese de que se trata da fração que se sente mais fragilizada, pelo fato de estar desempregado, envolvido com drogas e bebidas, vivenciando circunstâncias angustiantes na idade da plenitude da sua força de trabalho.

Concluindo, pode-se apontar as seguintes características da população, no momento da pesquisa, vivendo nos Centros de Acolhida:

A grande maioria da população dos Centros de Acolhida (94%) é cadastrada, isto é, não são frequentadores eventuais, 80% estão abrigados em instituições que trabalham vinte e quatro horas, o que lhes garante proteção integral;

Trata-se de uma população majoritariamente masculina, 84,3%, e celibatária, cuja idade média fica entre quarenta e quarenta e cinco anos, apenas 4,5% se declararam casados, 67% são solteiros e 28,5% separado/divorciados e viúvos. Tais dados estão em consonância com os dados do CENSO FIPE – 2003 sobre morador de rua, que mostra também uma população em sua maioria masculina e celibatária.

Significativo percentual da população é urbana, oriunda da própria cidade, Grande São Paulo e interior do Estado, apenas 31% teria origem rural. Excetuando aqueles que nasceram e sempre moraram em São Paulo, a maioria está na cidade há mais de cinco anos, quase 60%, sendo que, dentre esses, 39% estão há mais de dez anos.

A partir de cinco anos de residência pode-se pensar que se trata de uma população que conhece a cidade e os recursos a disposição de seus habitantes, sendo a rede de Centros de Acolhida um recurso importante nos momentos de crise, sobretudo, falta de recursos financeiros, tendo em vista doença, prisão, desemprego e outros.

Significativo percentual da população feminina chegou à cidade juntamente com a família, ao contrário do percentual masculino, que chegou sozinho, indicando que a vinda para São Paulo pode ter significado um início de ruptura na vida familiar para os homens enquanto, com relação às mulheres, os dados permitem levantar a hipótese de que a ruptura na biografia que levou esse contingente da população à condição de acolhido teria maior associação com problemas familiares relacionados à vivência na metrópole.

Acredita-se que o envolvimento com drogas e bebidas leva a um distanciamento da família, embora essa população tenha um significativo percentual de informantes envolvidos com droga e bebidas, um percentual também significativo continua mantendo contato com a família, sendo que mais de 50% em momento recente, isto é, até um ano. Esses dados permitem levantar a hipótese de que esse fato se associa à proximidade de residência da família, uma vez que, em sua maioria, os informantes nasceram, se criaram e moram no município ou Estado de São Paulo há mais de cinco anos, o que facilita o contato com a família.

Sobre o capital cultural da população, os dados mostram coerência entre grau de instrução de pais e filhos. A maioria tem baixa instrução. En-

tretanto um pequeno percentual tem instrução de segundo grau completo e superior. Tudo indica que se trata de uma população predominantemente masculina, com idade entre trinta e cinquenta anos especialmente fragilizada pelas circunstâncias do desemprego.

6 TRAJETÓRIAS, RELATOS DE VIDA

Considerando os dados dos questionários e dos relatos de vida foi possível traçar uma tipologia dos atuais moradores dos Centros de Acolhida:⁶

Neste item foram incluídos trechos retirados diretamente da transcrição dos depoimentos orais obtidos.

1. Trabalhador ocupado – trabalho temporário, “bicos”

2. Trabalhador desocupado – procurando trabalho

3. Trabalhador ocasional (trecheiro/andarrilho)

4. Enfermos (doentes ou em recuperação) e viciados (droga e bebida)

Todos esses “tipos” humanos foram facilmente localizados nos Centros de Acolhida e se dispuseram a relatar suas vidas de maneira coerente e sincera.⁷ Os dados da entrevista (relatos de vida) foram confrontados com os dados do SISRUA. Tanto para o trabalhador ocupado como para o desocupado, fica evidente que a situação de albergado é considerada incomoda e está ligada a uma ruptura no trabalho ou na família,⁸ em geral relacionadas.

1 TRABALHADOR OCUPADO

A história do José Carlos⁹ (São Camilo II) mostra como sobrevivem esses trabalhadores tentando contornar a presente situação. O José Carlos tem trinta e seis anos, nasceu em São Paulo e teve uma infância tranqüila na periferia, na zona sul, pai operário e mãe faxineira, filho único, alega que seus problemas começaram com o falecimento do pai.

⁶ Essa tipologia tem por base a classificação do IBGE, segundo a REVISÃO DO PROJETO MENSAL DE EMPREGO – a POP.OCUPADA – compreende as pessoas que tinham trabalho na semana anterior a da entrevista, ou seja, os que tinham um patrão, os que exploravam o próprio negócio ou que trabalhavam sem remuneração; POP.DESOCUPADA – compreende as pessoas que não tinham trabalho e estavam procurando. Ambos fazem parte da PEA (População Economicamente Ativa) O **trabalhador ocasional** – reuniu-se sob esta denominação aquele agente social que alguns estudos (SEBES/1988) denominam “trecheiro” e “andarrilho” são pessoas sem residência fixa, que se deslocam em busca de trabalho ou pelo prazer de viajar e ocasionalmente, exercem alguma atividade autônoma, como jardineiro, fotógrafo e outras.

⁷ 60% dos relatos de vida foram cotejados com os dados dos SISRUA e mostraram coerência entre os dados recolhidos pelo questionário e relato oral realizados em datas diversas.

⁸ Essa mesma observação foi feita por Rosa e outros (2004).

⁹ Os nomes são fictícios, mas as entrevistas estão localizadas nos Centros de Acolhida onde foram realizadas.

“Aí, depois meu pai faleceu e aconteceu isso com essa gráfica, (onde trabalhava) do nada ela faliu, cheguei para trabalhar de manhã e um cara falou que o gerente...disse que a gráfica tinha fechado. Quando essa gráfica fechou eu estava pagando aluguel e aí o dono da gráfica falou, bem vocês são em seis eu tenho duas máquinas de impressão vendo as máquinas e divido o dinheiro, só que até ele vender o aluguel foi vencendo e a dona não quer saber, quer é receber, aí foi quando um amigo falou ‘vem morar comigo’, aí ele destranbelhou (começou a usar drogas)...fui para o centro da cidade, minha vida era vinte e quatro horas Praça da Sé, Anhangabaú, Praça da República. Um dia, é coisa de Deus! ...olhei na viatura e vi um policial que eu conhecia, que fazia ronda na rua onde eu morei, contei o acontecido e então ele me levou no Albergue (primeira vez no albergue) o cara me deixou entrar, me deu roupa, deu tesoura para fazer a barba....

Comecei a dormir em hotel e comer na rua e gastando o dinheirinho e procura serviço e pega condução, tira xerox de documento quando fui ver...zero bala, aí eu peguei e lembrei que há anos atrás um cara tinha me falado do Arsenal da Esperança... No Arsenal foi bom...fiz o curso de panificação trinta e cinco dias no SENAI....Aí comecei a trabalhar no Anhembi, feira no salão de eventos... Lá eu conheci o pessoal da segurança... aí liguei para esse rapaz e comecei a trabalhar com ele.. fizemos até sábado e domingo Via Funchal, Directv.. Então estou trabalhando com eles agora, vão pagar meu curso de segurança tudo certinho... Continuo correndo atrás de cozinha...(quer trabalhar em cozinha por causa do curso de panificação).

2 TRABALHADOR DESOCUPADO

Antônia tem quarenta e seis anos (São Camilo II), perdeu o pai muito cedo e foi criada com a mãe e os irmãos, começou a trabalhar na roça com dez anos e depois foi ser empregada doméstica, quando a mãe morreu, foi morar com a irmã casada. Então veio a ruptura. Foi estuprada pelo cunhado, teve uma filha, que foi criada pela irmã. A família se dividiu os irmãos a abandonaram, ela deixou um emprego “bom” de copeira numa repartição pública e saiu da cidade onde morava, pois ficou com vergonha e veio para São Paulo. Tinha vinte e um anos quando isso aconteceu. Teve dois relacionamentos fracassados, teve uma filha de cada um deles, depois trabalhou em várias casas, inclusive num pesqueiro e, quando perdeu o último emprego, foi parar num Centro de Acolhida (não lembra o nome). Diz que já fechou. No momento da entrevista estava no Centro de Acolhida desde dezembro de 2009, mas já passou por outros. Hoje sobrevive de “bicos” quando encontra. No momento procura emprego, enquanto isso, distribui panfletos e faz artesanato de cana. A sua meta é trabalhar de copeira, faxineira ou merendeira, coisas que sabe fazer.

“O meu sonho é ter o meu cantinho nem que for um cômodo só. Mas existe muito preconceito quanto a quem mora em abrigo ... se você vai fazer uma ficha numa firma e dá o endereço daqui, eles não te chamam. Existe preconceito com as pessoas que moram em albergue... Se eu arrumasse um emprego de faxineira registrada meus problemas estavam tudo resolvido.

À pergunta sobre a vida no albergue, responde “tem umas pessoas que a gente não fala, que não dá para conversar não, usam droga, aí a gente não se mistura. Quando precisa eu ajudo; até ganhei um afilhadinho aqui dentro”.

3 TRABALHADOR OCASIONAL (TRECHEIRO, ANDARILHO)

O Artur tem cinquenta e seis anos, (Instituto Ligia Jardim), é estrangeiro, latino americano, é fotógrafo de profissão. Nasceu em uma família de classe média alta, se orgulha de seu espírito aventureiro, veio pela primeira vez ao Brasil em 1972, de carona. Afirma não se importar com “grana”. É de uma família grande com vários irmãos que se espalharam pelo mundo após a morte dos pais, a maior parte mora na Europa. Após completar seus estudos, chega a trabalhar por um determinado período, não mais que um ano, e parte, pois gosta de viajar. Dessa vez veio ao Brasil para receber uma dívida, como não lhe pagaram, ficou sem dinheiro e foi procurar vaga num dos hotéis sociais que fazem parte dos serviços de acolhida da SMADS, como não tinha vaga, foi encaminhado para o Albergue Instituto Ligia Jardim. Já viajou e trabalhou em diversas cidades brasileiras. Não tem problemas em se “hospedar” em albergue, em outra ocasião, já se hospedou em um albergue para estrangeiros denominado Mirante onde encontrou pessoas de várias partes do mundo: africanos, muitos latinos americanos, hindus e egípcios. Não se casou, mas tem uma filha, que no momento mora na Espanha, com a qual mantém contato pela internet. Pretende visitá-la em breve.

“Eu nasci em (...), sou autodidata, tudo que aprendi em fotografia foi vendo, observando, faço fotografia publicitária. Já viajei muito quando trabalhei em revistas esportivas. A primeira vez que vim ao Brasil, vim de carona em 1972...Fui viajando assim por produções de trabalho. Comecei a fazer cinema também e aqui estou... sou músico também, toco bossa nova, jazz, blues, de tudo um pouco... em 2007 vim ao Brasil e fiquei hospedado no Arsenal da Esperança”.

Pretende fazer uns bicos como fotógrafo e depois voltar para o seu país antes de ir para a Europa.

4 ENFERMOS (DOENTES OU EM RECUPERAÇÃO) E VICIADOS EM DROGAS OU BEBIDAS

Rita de Cássia (Centro de Acolhida Pedroso), trinta anos, veio para São Paulo com sua filha Vanessa, que estava no colo no momento da entrevista. Nasceu na Bahia, viveu por muitos anos em Feira de Santana. Nasceu na roça, onde seus avós plantavam feijão, arroz. Seu pai faleceu e sua

mãe está viva. Sua recordação da infância são borboletas, flores e brincadeiras com os irmãos. O contato com a família não é bom. Sua mãe cria um neto que bate nela, quebra as coisas. Esse neto tem uma arma e dá coronhada na avó quando as ninjas atacam. Diz que já chamou o Stalone, o Rambo. Toma remédio.

Rita veio a São Paulo para ir na Rede Globo, chegou na rodoviária Tiete sem dinheiro, perguntou como poderia chegar até à Globo, mas ninguém respondia. Ali mesmo, na rodoviária, encontrou um morador do Centro de Acolhida que a levou até lá (na verdade trata-se de um funcionário do plantão da SMADS). Ficou contente porque não precisou dormir na rua. Não pretende voltar para sua terra, pois o sobrinho (que também morava na casa da avó) é muito violento e bate nela, joga as coisas dela e da filha fora.

“Comecei na roça, depois fui para Feira de Santana aí trabalhava na indústria. Eu gostava de ser recepcionista e também de trabalhar na montagem. Era tudo bem organizado e no fim do ano tinha o décimo terceiro. Tenho um irmão que trabalha no posto de gasolina e é ator de televisão, minha irmã depende do bolsa escola, é separada do marido e mora lá mesmo na roça (...) eu me casei quando eu era atriz, mas fora da televisão eu sou solteira, meus documentos são de solteira (...) eu não saio daqui, tenho medo, depois não sei voltare não tenho onde deixar ela (a filha) eu queria trabalhar de ajudante de cozinha”.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Os dados acima analisados conjuntamente com as informações obtidas no registro dos relatos de vida mostram que a população de moradores de rua e dos Serviços de Acolhimento para Adultos continua sendo formada por uma maioria masculina e celibatária, como mostram alguns estudos anteriormente realizados,¹⁰ essa é também a composição dessa parcela da população em outros países, como a França, por exemplo¹¹ O fato desses celibatários não contarem com a solidariedade da rede de parentesco e amigos pode estar associado às mudanças ocorridas com a urbanização e consequentemente com as possibilidades de efetivação da solidariedade familiar, associadas às dificuldades da classe trabalhadora, tendo em vista as características do sistema socioeconômico, conforme inúmeros estudos nacionais e internacionais sobre a pobreza na atualidade apontam.

¹⁰ ROSA, Cleisa Moreno Maffei ; VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos (Org.). *População de Rua – quem é, como vive, como é vista.* 3 ed., São Paulo: Ed. Hucitec, 2004. Secretaria do Bem Estar Social – Longe de Casa, alternativa para sobreviver – relatório de pesquisa realizada entre albergados, São Paulo, d1988.

¹¹ LAERT, J.F.; MURARD, N. Célibataire à la rue. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 113, p. 31-39, 1996.

O que os dados da presente pesquisa sugerem, em relação às pesquisas anteriormente realizadas, é que pode estar havendo uma alteração na composição da população acolhida. Enquanto os estudos anteriores analisavam essa população conjuntamente com a população denominada “morador de rua”, hoje não é mais possível fazê-lo. Os dados atuais mostram significativo percentual de informantes que nunca passaram pela rua, pois têm profissão que ainda exercem temporariamente.

Não são trabalhadores migrantes, volantes, a grande maioria, é paulistana ou paulista, muitos sempre moraram na periferia de São Paulo, no ABC ou demais regiões da Grande São Paulo. Aqueles que estiveram na rua, dizem que foi por pouco tempo (no máximo dez ou quinze dias). São em expressiva maioria do sexo masculino e celibatários, com idade média entre quarenta e quarenta e cinco anos, já perderem os pais, e não tem família constituída. Alguns foram casados e têm filhos, colocam o desemprego prolongado como o motivo da ruptura do casamento e, conseqüentemente, da vida em família.

Diante desses dados, pode-se concluir que, no momento, parcela significativa de acolhidos é formada por trabalhadores desempregados, sobrevivendo de trabalho temporário de baixa remuneração em grande parte, não da sua profissão, e que não lhes permite pagar de aluguel. Procuram deixar claro que não se “misturam” com drogados ou viciados em bebida e, sempre que conseguem renda suficiente deixam, o albergue e vão morar em pequenos hotéis e pensões, mesmo que por pouco tempo, até acabar o dinheiro. Têm consciência que ali não é o seu lugar, por isso alternam períodos dentro e fora da rede de serviços de acolhida. Muitos confessam que não gostam de contar para a família que estão no albergue. Procuram afirmar sua identidade de trabalhador vivenciando uma circunstância de má sorte, que eles querem que seja temporária, por meio de uma firme resistência à exclusão social, representada pela vida de morador de rua.

Os dados coletados no presente estudo mostram, ainda, que a população dos Centros de Acolhida é diferenciada. Na representação popular, acolhidos, albergados e “morador de rua”, com toda sua carga negativa, são conceitos que estão forte e diretamente associados. Tudo indica que é nesse fato que repousa o preconceito, tão prejudicial e de que tanto se queixam os trabalhadores residentes nos centros de acolhida.

Tudo indica que nesse momento da história do sistema capitalista, a chamada “marginalidade urbana,” conceito que inclui os moradores de rua, vem adquirindo uma configuração particular em relação à primeira metade do século vinte. Fato que, a partir dos anos 1980, tem chamado, com mais vigor, a atenção dos cientistas sociais no mundo capitalista, que procuram desvendar razões e descrever as características assumidas por essa camada

da população¹² PICHON, Pascale. *SDF, sans-abri, itinerant. Oser la comparaison*. Paris:Presses Universitaires de Louvain, 2009.

Tais estudos concordam que a correta compreensão dos mecanismos que produzem essa marginalidade urbana está na matriz histórica das relações de força entre grupos sociais e Estado nos diferentes contextos nacionais. De qualquer forma, são unânimes em mostrar que a pobreza nos últimos anos do século vinte e início do século vinte e um, vai tomando características específicas com o fenômeno da desindustrialização e precarização do trabalho.

É no âmbito dessas considerações que se pode compreender os “albergues” e sua população atual. Na verdade, este estudo indica que os Centros de Acolhida (albergues), objeto da presente análise, já fazem parte das estratégias de sobrevivência de uma faixa da população que, até alguns anos atrás, viviam distantes dessa realidade, portavam a dignidade do “ser operário” e sua identidade estava associada a “sua categoria de trabalhador” no setor produtivo (ferroviários, metalúrgicos e outros).

As trajetórias aqui reveladas mostram que, de fato, essas instituições se constituem nesse momento, a última possibilidade de uma total exclusão, e a esperança de resguardar a identidade e o sentimento de cidadania da citada parcela da população. Finalmente, os dados permitem constatar que, mesmo com todos os problemas apontados e comentados tanto nos estudos acadêmicos quanto pela mídia, que a rede de Centros de Acolhida constitui um recurso institucional que já se consagra como uma estratégia de sobrevivência e que, sem sombra de dúvida, exerce um papel importante na biografia de seus usuários, qualquer que seja a tipologia em que ele se enquadre, mas, sobretudo, para essa recém chegada parcela de desempregados acima referida.

Finalmente, pode-se concluir que a revelada diversidade das características da população dos Centros de Acolhida e a importância que esses centros têm nas diversas biografias, mostra a potencialidade de pesquisas como esta para subsidiar a continuidade de ações responsáveis e criativas tanto da parte do Estado quanto da sociedade civil no enfrentamento da problemática em questão.

¹² PICHON, Pascale. *SDF, sans-abri, itinerant. Oser la comparaison*. Paris:Presses Universitaires de Louvain, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. A construção do objeto de pesquisa na Sociologia. In. LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.) *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo: Humanitas, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de La pratique*. Génève: Librairie Droz, 1972.

COSTA, Daniel De Lucca Reis. A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. Dissertação de Mestrado de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DIAS, Andréia Theodoro Toci. Comparando albergues públicos e filantrópicos: apresentação de uma escala de avaliação objetiva dessas instituições. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz. 1999. Disponível em:

<[www/portalteses.icit.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=0000503&lng=pt&nrm=iso](http://portalteses.icit.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=0000503&lng=pt&nrm=iso)>.

FIPE/ Secretaria Municipal de Assistência Social. Censo dos moradores de rua da cidade de São Paulo. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 2000.

_____. Censo dos moradores de rua da cidade de São Paulo. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 2003.

LAERT, J.F.; MURARD, N. Célibataire à la rue. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 113, p. 31-39, 1996.

PICHON, Pascale. *SDF, sans-abri, itinerant. Oser la comparaison*. Paris: Presses Universitaires de Louvain, 2009.

QUINTÃO, Paula Rochlitz. Centros de referência: espaços de moradia transitória e reinserção para a população de rua da cidade de São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.